

## **IV enanparq**

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

### **PARK HOTEL E RECIFE 1762: RELAÇÃO ÍNTIMA ENTRE O PITORESCO E O MODERNO**

SESSÃO TEMÁTICA: OBRAS COMPARADAS

**Marcos Paulo Cereto**

Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amazonas.  
Doutorando pelo PRORAR/UFRGS

[mcereto@hotmail.com](mailto:mcereto@hotmail.com)

# **PARK HOTEL E RECIFE 1762: RELAÇÕES ÍNTIMAS ENTRE O PITORESCO E O MODERNO**

## **RESUMO**

Lucio Costa e Severiano Porto foram arquitetos que demonstraram em suas obras um olhar atento ao lugar como parte da concepção arquitetônica e reforçam a idéia de uma arquitetura moderna brasileira, universal e regional. A trajetória peregrina dos arquitetos expressa momentos de totalitarismo distintos, ora motivada pelo Estado Novo, ora pelo Regime Militar, onde a arquitetura teve papel fundamental na consolidação de uma imagem política e econômica. A “nova arquitetura” buscada por Lucio Costa expressa nas experiências neocolonialistas, na modernização do currículo da Escola Nacional de Belas-Artes e finalmente nos projetos “modernos e tradicionais” das décadas de 30, 40 e 50 serviu de substrato para o trabalho de Severiano Porto durante o novo ciclo econômico que iniciara em Manaus após um período de ostracismo pelo término do ciclo da borracha. O ensaio apresenta a análise comparativa de duas obras: o Park Hotel, no Parque São Clemente em Nova Friburgo, projeto exemplar de Lucio Costa em 1944 e Recife 1762 – a casa Cafundó de Severiano Porto em Manaus, referencial na arquitetura moderna na Amazônia, projetada em 1966. A versatilidade da arquitetura brasileira, o debate entre o permanente e o transitório, com o pitoresco e o racional, o confronto das técnicas primitivas com a modernidade e o diálogo entre a universalidade e a regionalidade, estão presentes nas duas obras, na distante Nova Friburgo da década de 40 e na longínqua Manaus da década de 60. A confrontação das obras demonstra o olhar cuidadoso de Severiano Porto com os precedentes modernos e como interferiu em sua produção na Amazônia. Park Hotel e Recife 1762, representam a quebra de paradigmas existentes no período em que foram construídas e demonstram a vanguarda e atemporalidade da produção brasileira no século XX.

**Palavras-chave:** Arquitetura moderna. Lucio Costa. Severiano Porto.

# **PARK HOTEL E RECIFE 1762: INTIMATE RELATIONSHIP BETWEEN ROMANTIC AND MODERN**

## **ABSTRACT**

Lucio Costa and Severiano Porto were architects who demonstrated in his works a close look at the place as part of the architectural design and reinforce the idea of a modern Brazilian architecture, universal and regional. The pilgrim path of the architects expressed different moments of totalitarianism, now motivated by the Estado Novo, now the military regime, where the architecture played a key role in the consolidation of a political and economic image. The "new architecture" sought by Lucio Costa expressed in neocolonial experiences in modernization of the curriculum of the National Fine Arts School and finally in the projects "traditional and modern" of the 30, 40 and 50 served as a substrate for the work of Severiano Porto during the new economic cycle that started in Manaus after a period of ostracism by the end of the rubber boom. The paper presents a comparative analysis of two works: the Park Hotel, in São Clemente Park in Nova Friburgo, exemplary project of Lucio Costa in 1944 and Recife St. 1762 - the home of Severiano Porto in Manaus, a reference in modern architecture in the Amazon, designed in 1966. The versatility of Brazilian architecture, the debate between the permanent and the transient, with the picturesque and the rational, the confrontation of primitive techniques with modernity and dialogue between the universality and regionality are present in both works, in distant Nova Friburgo 40s and distant Manaus the decade of 60. the confrontation of works demonstrates the careful eye of Severiano Porto with modern precedents and to interfere in its production in the Amazon. Park Hotel Recife and 1762, represent the breaking of existing paradigms in the period they were built and demonstrate the cutting edge and timelessness of Brazilian production in the twentieth century.

**Keywords:** Modern Architecture. Lucio Costa. Severiano Porto.

# 1. PRELIMINARES

Lucio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa nasceu em 1902 na cidade de Toulon na França. Filho de um engenheiro naval e de mãe amazonense, estudou na Inglaterra e na Suíça de 1910 à 1916 e retornou com a família para o Rio de Janeiro onde formou-se na Escola Nacional de Belas-Artes em 1924. Severiano Mario Vieira de Magalhães Porto nasceu em 1930 na cidade de Uberlândia e aos cinco anos de idade, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro onde seus pais fundaram o colégio Brasil-América no bairro de Botafogo. Formou-se 30 anos depois de Lucio Costa, em 1954, na Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro e iniciou a sua trajetória na Amazônia em 1965. Enquanto o arquiteto franco-brasileiro transitou pela Europa na sua infância, no Rio de Janeiro encontrou o *locus* para a “emergência 1936/1945”<sup>1</sup> da modernização brasileira e em Brasília materializou os seus versos e desenhos em uma cidade, o arquiteto mineiro aprendeu com os versos e os traços do velho mestre os caminhos para uma arquitetura brasileira na Faculdade Nacional de Arquitetura e migrou para a Amazônia para participar ativamente na modernização da região impulsionado pela construção de Brasília, pelo Plano de Integração Nacional<sup>2</sup> que colocou a Amazônia em um novo patamar de desenvolvimento e pela implantação de incentivos fiscais na Zona Franca de Manaus.

O Ministro Gustavo Capanema foi o grande mentor para a desejada *nova arquitetura* liderada por Lucio Costa. Severiano Porto teve no Governador Arthur Cesar Ferreira Reis o alicerce para a consolidação da arquitetura moderna na Amazônia. O historiador e interventor do Estado do Amazonas foi indicado pelo presidente Humberto Castello Branco em 1964 e pretendia através da arquitetura materializar o novo momento econômico do estado do Amazonas após o hiato provocado pelo final do ciclo da borracha e da efervescente *Belle Époque*. Arthur Reis havia implantado e conduzido o INPA – Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia em Manaus e SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia, em Belém e tinha grande prestígio nacional e internacional<sup>3</sup>. Além disso, era um profundo admirador da obra de Gilberto Freyre que influenciou uma geração de arquitetos modernistas com *Casa-Grande & Senzala*<sup>4</sup>, publicada em 1933. No retorno ao Rio de Janeiro, após uma participação em um congresso internacional da ONU realizado em

---

<sup>1</sup> Texto do Carlos Eduardo Dias Comas - Moderna (1930 a 1960) para Arquitetura Brasil 500 anos, organizado por Roberto Montezuma em 2002.

<sup>2</sup> Com os lemas “integrar para não entregar” e “terra sem homens para homens sem terra” o Presidente Emílio Médici implantou o também conhecido Programa de Integração Nacional, com o propósito de incentivar a migração dos nordestinos para a Amazônia. Esses trabalhadores buscavam melhores condições depois das grandes secas de 1969 e 1970 no nordeste do país.

<sup>3</sup> Roberta Camila Salgado, “Manaus 1965 – Da Floresta e das Águas” p.177

<sup>4</sup> Vale ressaltar, o artigo “Gilberto Freyre e os arquitetos” de Henrique Mindlin, publicado na revista Guanabara em Janeiro/Fevereiro de 1962.

julho de 1964 em Genebra, foi informado que havia sido indicado pelo Presidente Castello Branco e “eleito” pela Assembleia Legislativa para o cargo de Governador do Estado do Amazonas. Convidou arquitetos da escola carioca<sup>5</sup> para desenvolver o Plano Diretor de Manaus, conjuntos habitacionais e uma série de edifícios necessários para consolidar o Plano de Integração Nacional, com o propósito de implantar uma arquitetura adequada ao meio amazônico. Arthur Reis foi vizinho do pai de Severiano Porto no Rio de Janeiro e convidou o arquiteto para realizar algumas obras na região.

É possível traçar um paralelo entre essas duas personalidades da arquitetura brasileira. Lucio Costa, a referência da arquitetura brasileira e Severiano Porto como símbolo da arquitetura na Amazônia. Ambos nacionalistas, “regionalistas” e modernos.

## 2. ESTILO CAMPESTRE<sup>6</sup> X SERRA DO NAVIO

A região serrana foi uma alternativa para a família real durante os meses quentes do verão no Rio de Janeiro no século XIX. Com clima mais ameno e agradável, foi e continua sendo um refúgio para os cariocas. A cidade de Petrópolis está a 66 km do Rio de Janeiro enquanto Nova Friburgo fica um pouco mais alta e distante, a 136 km da capital. Em 1818, o Rei Dom João VI assinou um Decreto para ampliar os laços com os povos germânicos e permitiu a colonização da região de Nova Friburgo por 100 famílias de suíços.

Em 1944, o Engenheiro Cesar Guinle convidou Lucio Costa para desenvolver uma “pousada” para o loteamento Parque São Clemente em Nova Friburgo. O condomínio com um projeto de cidade jardim previa residências para o final de semana em alto padrão. Conforme um Decreto-Lei de 1944 da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo havia obrigações quanto ao caráter estilístico das edificações na região. Segundo Comas, “*Lucio não se incomoda em absoluto com a obrigação de projetar o hotel com uma composição pitoresca de estilo campestre.*” (COMAS, 2010). Havia a necessidade de um hotel para hospedar os proprietários durante as obras ou aos pretendentes que visitavam o loteamento para uma possível compra. O hotel foi construído com 10 apartamentos para atender as necessidades desse público específico. Mais do que um hotel, funcionava como *showroom* para os visitantes ao loteamento e uma oportunidade para demonstrar que a arquitetura moderna não dependia das técnicas construtivas, dos materiais ou mão de obra específica. Segundo Lucio Costa, “*A construção desta pousada, pois se destinava apenas à hospedagem de eventuais compradores de terrenos num loteamento das áreas supérfluas*

---

<sup>5</sup> Cesar Oiticica, Luiz Carlos Anthony, Fernando Pereira da Cunha, Ivan Pimentel, Leon Shastri Manickchand

<sup>6</sup> Carlos Eduardo Dias Comas, “Arquitetura moderna x Estilo Campestre. Hotel Parque São Clemente”, Vitruvius, 2010. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513> (Abril 22,2016)

do Parque São Clemente em Nova Friburgo, muito me tocou o coração. Primeiro, porque foi concebida e inaugurada num prazo mínimo.” (COSTA, 1995, p.214)

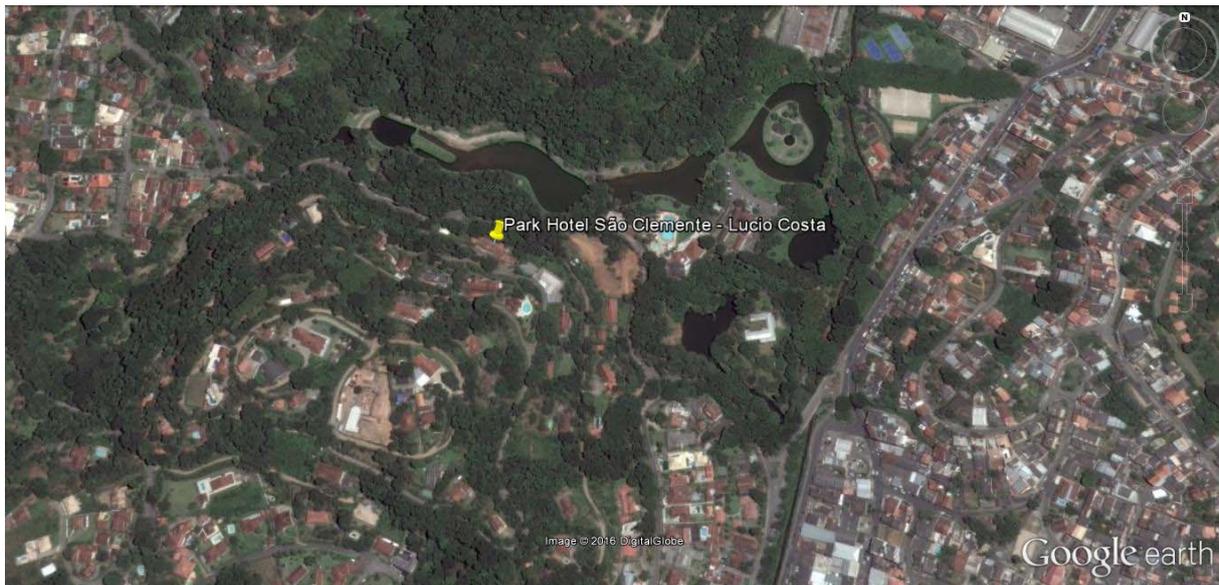


Figura 1 – Vista Aérea do Parque São Clemente. Fonte: Google, 2016.

Diante do Decreto-Lei de 1944, referente ao caráter estilístico das edificações em Nova Friburgo, e mais especificamente a hotéis, a incorporação ao tipo hotel de montanha<sup>7</sup> induz a utilização da madeira. As toras de eucalipto permitem o discurso da estrutura independente proposto por Lucio Costa e são apropriadas para o caráter permitido pela legislação. Outra questão era o caráter transitório do edifício, uma vez que as casas do loteamento estivessem concluídas, o edifício não teria mais “utilidade”, seja pela hospedagem aos moradores ou interessados nas compras dos lotes do condomínio cidade jardim.

*Lucio não se incomoda em absoluto com a obrigação de projetar o hotel como uma composição pitoresca de estilo campestre. Duas são as decisões fundamentais. A primeira é dispor os apartamentos num andar superior, dada a exigüidade do terreno. A segunda é optar por estrutura mista de alvenaria e madeira, à base de paus roliços constituindo esqueleto independente. Não que a madeira fosse abundante no local. Como o folheto diz, as matas eram distantes. Lucio e César vão buscar em São Paulo o eucalipto seco da qualidade necessária. Construir com paredes de alvenaria portantes seria mais fácil. Entretanto, o uso da madeira era o modo mais contundente de obter caráter de cabana (com suas conotações de moradia primitiva, efêmera,*

<sup>7</sup> Carlos Eduardo Dias Comas, “Arquitetura moderna x Estilo Campestre. Hotel Parque São Clemente”, Vitruvius, 2010. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513> (Abril 22,2016)

*precária) e evidenciar a independência moderna entre suporte e vedação. (COMAS, 2010).*

A utilização da madeira entre os modernos já havia sido proposta por Le Corbusier no projeto para a residência do Errázuriz de 1931. O projeto no Chile previa a utilização da estrutura de madeira apenas na cobertura. Lucio Costa utilizou a estrutura em madeira aparente na cobertura do Museu das Missões em 1940 e já havia proposto uma estrutura mista com concreto armado e pau a pique para as residências no concurso para Monlevade em 1934, utilizando técnicas construtivas de vanguarda adequadas a realidade do lugar. No Park Hotel, o uso misto de paredes portantes em pedra com estrutura independente em madeira permitia a distinção dos sistemas estruturais e também o zoneamento das partes do edifício, conforme a hierarquia funcional. A madeira nos pilares e nas vigas foi utilizada *as found* sem tratamento de serraria.

Severiano iniciou as suas atividades profissionais na cidade de Manaus em 1965 e somente em 1967, mudou-se em definitivo com a família para a cidade. A mudança ocorreu em razão da confirmação do início das obras para construção do estádio Vivaldo Lima, projeto do arquiteto de 1965. No final de 1966, decidiu projetar e construir uma casa para morar com a sua esposa Gilda e o filho Mário. Com a elaboração do Plano Diretor de Manaus de 1965, a expansão urbana para norte da malha ortogonal prevista por Eduardo Ribeiro em 1892, novos conjuntos e bairros foram criados do cemitério São João Batista, término do antigo plano, até o estádio Vivaldo Lima. Essa ocupação foi costurada com alguns projetos especiais desenvolvidos pelo Governo do Estado, como o Balneário do Parque 10, projeto de Severiano Porto de 1967, junto ao igarapé do Mindú, tradicional “banho” da cidade.

Manaus passava por diversas transformações. A cidade flutuante<sup>8</sup> localizada nas adjacências da Praça dos Remédios no centro histórico e na região sul da cidade, causava desconforto na burguesia local e estava nos planos de Arthur Reis a sua demolição assim que estivesse concluído o primeiro projeto do BNH em Manaus: o conjunto da Raiz. A Vila Municipal estava fora da área urbana do plano traçado de Eduardo Ribeiro. Nas chácaras da Vila Municipal, já haviam palacetes e casas construídas com o edifício solto no lote, uma ocupação distinta do centro da cidade.

Com o avanço da ocupação da cidade para o norte, a cidade se afastava das águas do Rio Negro e fragilizava a cultura ribeirinha. Por outro lado, aproxima-se do Igarapé do Mindú. O

---

<sup>8</sup> A cidade flutuante foi uma ocupação com casas-flutuantes em madeira no Rio Negro no centro da cidade. Iniciou no final do ciclo da borracha e foi desmanchada em 1967 com a construção do primeiro conjunto do BNH. CERETO, Marcos; SANTOS, Luiza; Espinosa, Vasilka “Recife 1762 e 1435: considerações sobre a permanência e o transitório na obra de Severiano Porto” XI Docomomo Brasil, 2016.  
[http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos\\_apresentacao/sessao%2018/DOCO\\_PE\\_S16\\_CERETO\\_SANTOS\\_ESPINOSA.pdf](http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2018/DOCO_PE_S16_CERETO_SANTOS_ESPINOSA.pdf)

projeto do Balneário do Parque 10 procurava ampliar a oferta de atrativos para a região norte de Manaus, frente ao processo de expansão urbana floresta adentro, para o norte. Severiano Porto decidiu construir a sua casa próxima ao Balneário do Parque 10, distante do centro da cidade, mas próximo das obras do estádio. Construir uma casa em Manaus significava uma grande possibilidade de projetos, uma vez que a região estava em profunda transformação. Os novos loteamentos que surgiram no entorno do Balneário do Parque 10, possibilitavam demandas de trabalho. Severiano Porto decidiu construir uma casa em um terreno amplo na rua Recife 1762, há alguns metros do Balneário do Parque 10.

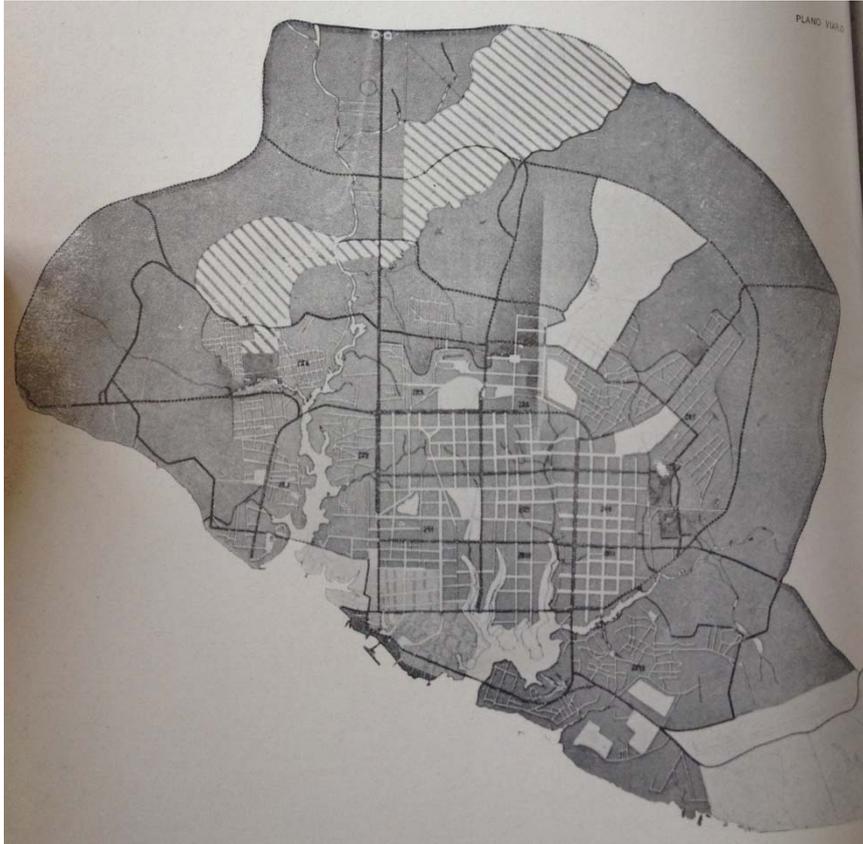


Figura 2 – Plano Diretor de Manaus, 1965. Fonte: ABA, 1968, página 52.

O terreno de 1 hectare tinha um curso d'água que o cortava no meio e possibilitava a utilização do mesmo como uma piscina natural com as águas do Igarapé do Mindú.

Construir a casa em um terreno com banho era moderno e transgressor<sup>9</sup>. A utilização da madeira, da palha e outros materiais locais eram vetados por lei urbanística. Durante a *Belle Époque*, o código de posturas de 1872 proibia a utilização da madeira no perímetro urbano,

<sup>9</sup> CERETO, Marcos; SANTOS, Luiza; Espinosa, Vasilka "Recife 1762 e 1435: considerações sobre a permanência e o transitório na obra de Severiano Porto" XI Docomomo Brasil, 2016. [http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos\\_apresentacao/sessao%2018/DOCO\\_PE\\_S16\\_CERETO\\_SANTOS\\_ESPINOSA.pdf](http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2018/DOCO_PE_S16_CERETO_SANTOS_ESPINOSA.pdf)

pois considerava material selvagem que atentaria quanto ao processo de “embelezamento” proposto para a cidade de Manaus. A madeira sempre foi o material das habitações ribeirinhas e no momento que Severiano Porto mudou para Manaus, identificada e também lembrada com as construções da cidade flutuante. Para a madeira era atribuído um valor inferior, seja pela condição legal e também pelo valor estético a ela atribuído.



Figura 3 – Recife 1762 em 1970. Fonte: Acervo Severiano Porto – NPD-UFRJ.

*O arquiteto Severiano Mario Porto, indo residir temporariamente em Manaus, e querendo construir sua casa rapidamente, a baixo custo e de acordo com as condições ecológicas da região, resolveu levantá-la utilizando a madeira como material básico. (...)O arquiteto informa que, apesar disso, e do fato da região amazônica ser rica em madeiras, das mais variadas espécies e características, a construção com este material não é bem aceita como padrão decente de moradia. (Revista Arquitetura-n.58, 1967, p.33).*

A escolha da madeira também estava relacionada a velocidade da construção, considerando as dificuldades logísticas, da mão de obra disponível e climáticas da região, pois precisava mudar com brevidade. O valor do custo final da obra seria fundamental, pois permitiria o caráter transitório uma vez pela situação em que se encontrava no momento, já que estava na região para realizar alguns projetos e caso fosse necessário vendê-la para um possível retorno ao Rio de Janeiro, o investimento não seria perdido. Resgatar a

madeira como material nobre para a construção civil era imperativo para a imagem que o que Arthur Reis buscava com o seu governo e estava alinhado com o espírito da época, com a valorização do meio-ambiente.

*O próprio Banco Nacional de Habitação – continua SMP – em seus programas habitacionais no Amazonas, não utilizou a madeira na construção de unidades residenciais de baixo custo, apesar de ser este o material de que estão construídas, praticamente todas as casas populares da região. O arquiteto atento a essa contrafação, resolveu construir sua própria residência em madeira, numa tentativa de desfazer o falso conceito que cerca esse material em Manaus. Construindo a sua casa dessa forma, o arquiteto conseguiu um preço por metro quadrado 25% abaixo do obtido nas casas construídas pela COHAB-AM, no mesmo período (Revista Arquitetura-n.58, 1967, p.33).*

A técnica construtiva utilizada por Severiano Porto foi mista, com paredes portantes e estrutura em madeira. A madeira utilizada nos pilares e nas vigas é apenas serrada, no mesmo formato que Oswaldo Bratke utilizou nas edificações da Vila Serra do navio no Amapá.

### **3. ESPAÇO SERVIDO X ESPAÇO SERVENTE**

A “pousada de Lucio Costa” fica no alto de uma colina com uma belíssima vista para o parque de Glaziou. A solução é adequada ao lote. No volume principal em dois pisos, o espaço servido, estrutura independente de madeira, pedra, madeira como revestimento e vidro. No bloco menor, secundário e térreo, o espaço servente em paredes portantes. No térreo, o pilotis é fechado em razão do clima e apresenta o recuo da esquadria evidenciando a planta livre no estar, conduzindo o usuário à varanda através de uma escada paralela ao alinhamento da estrutura. O acesso não é obvio e direto, ocorre atrás do bloco principal, indicado e protegido por uma cobertura em uma água. No volume de serviços, atividades que ofereciam suporte para o funcionamento do hotel: cozinha, dispensa, dormitório, refeitório e sala para funcionários e rouparia. No segundo andar, os 10 apartamentos lado a lado orientados para o sul com varanda e a vista para os jardins de Glaziou.

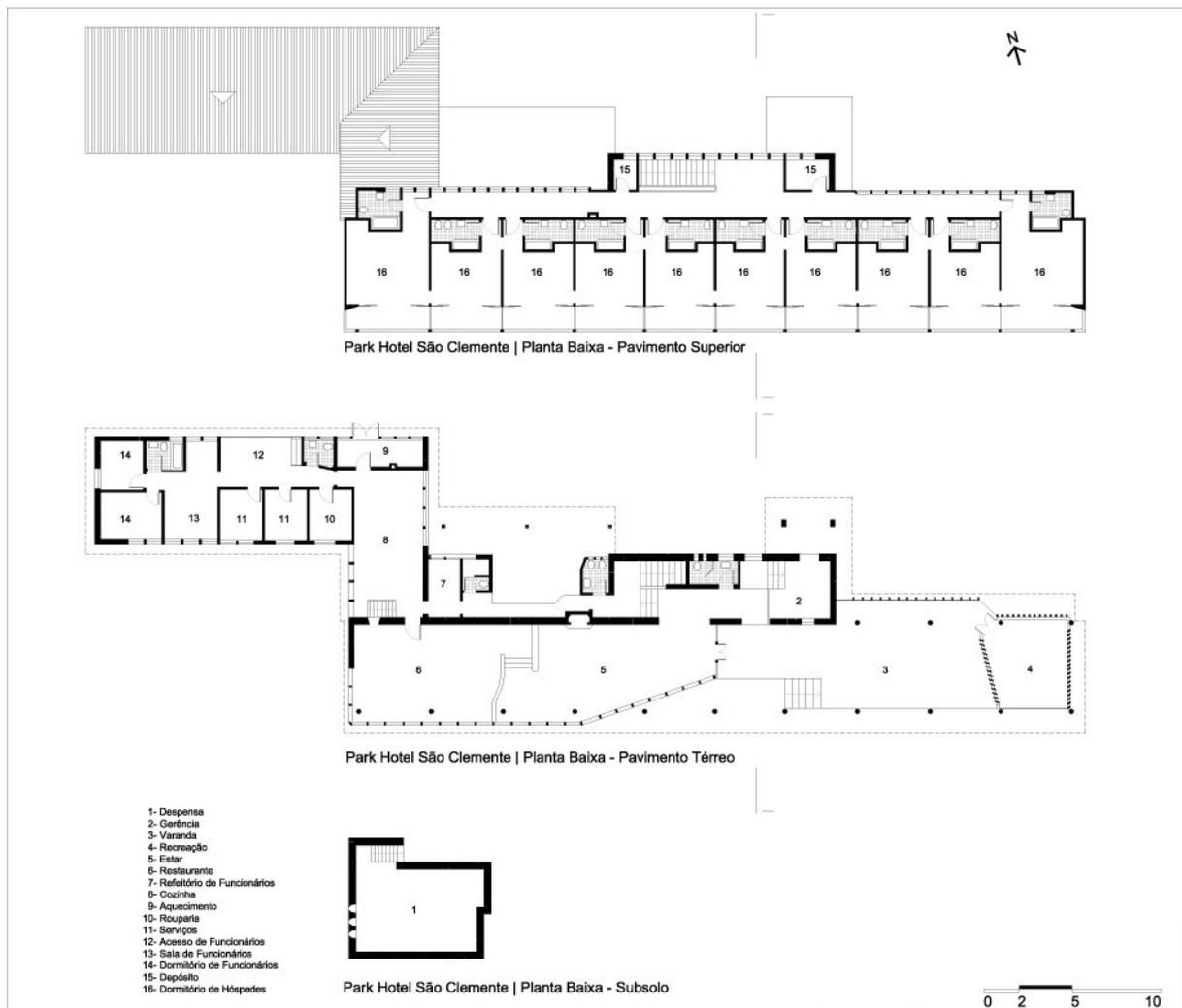


Figura 4 – Plantas do Park Hotel. Fonte: Lucio Costa:Obra Completa – UniRitter.

A casa do Cafundó de Severiano Porto ou Recife 1762, ficava em posição lindeira ao lago artificial, na porção central do terreno e mais baixa. No terreno com baixa ocupação a casa ficava afastada da rua Recife pela distância, declividade e vegetação densa o que garantia uma excelente privacidade. O percurso para entrar no lote era romântico com uma via que contornava a topografia para chegar na parte mais baixa do terreno e atravessar o igarapé por uma ponte. Foram instaladas comportas para o controle e desvio das águas do igarapé para o lago artificial em frente à quadra poliesportiva. Em razão dessa contenção, havia no terreno uma pequena construção em muro de arrimo com um compartimento em pedra jacaré, característica do Rio Negro. Ambos foram incorporados no projeto da casa. Para ficar próxima a piscina natural, a casa ficou na cota mais baixa do terreno com um o recurso do pilotis para adequar as construções existentes, proporcionar o isolamento da madeira do solo e permitir que a integração do espaço fosse direta com a área de lazer.

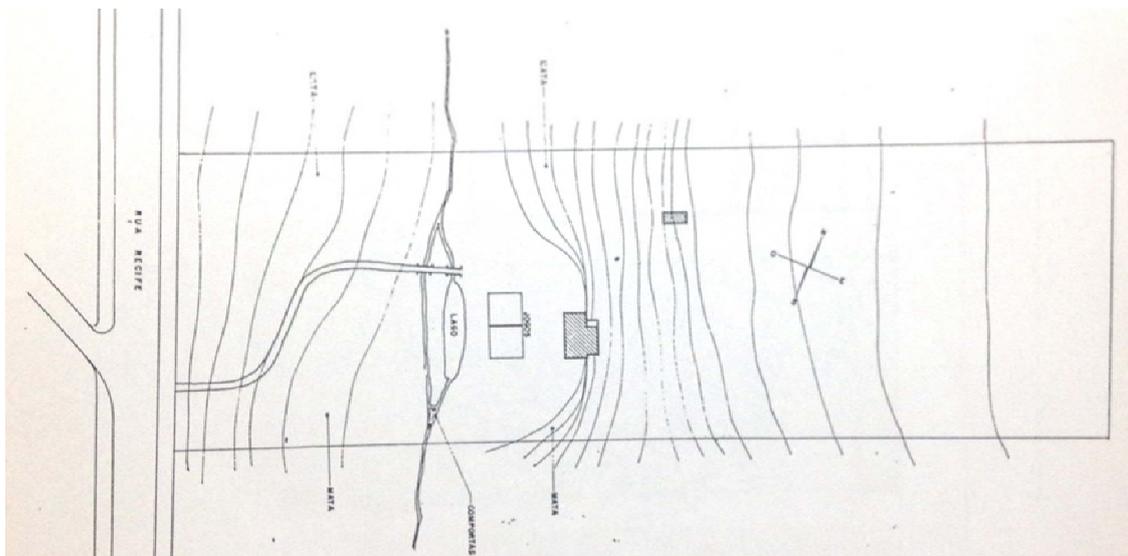


Figura 5 – Implantação da casa, 1967. Fonte: ABA, 1968, página 123.

A casa estava alinhada no eixo norte e sul, desfavorável pela radiação provocada pela orientação solar indesejada, mas adequada pela topografia resultante derivada do muro de contenção existente e também pela configuração geométrica do terreno. A casa foi dividida em duas partes: ao oeste, o *espaço servido* todo em estrutura de madeira e ao leste o *espaço servente* com paredes portantes sobre os muros de pedras. O pilotis era integrado a quadra e ao lago artificial com espaços para armar as redes com banheiro e vestiário no cômodo existente inserido no muro de arrimo. Junto a ele a escada que ficava inserida no talude para acessar o pavimento superior e ao acesso a casa, por trás no segundo nível. Os cinco vãos existentes entre os pilares eram em maçaranduba tipo sanduíche que ficavam sobre blocos de concreto em um simples contrapiso. O pilotis tinha uma franca relação com o espaço de lazer e proporcionava a legibilidade para o acesso da casa, embora não ocorresse de forma direta.

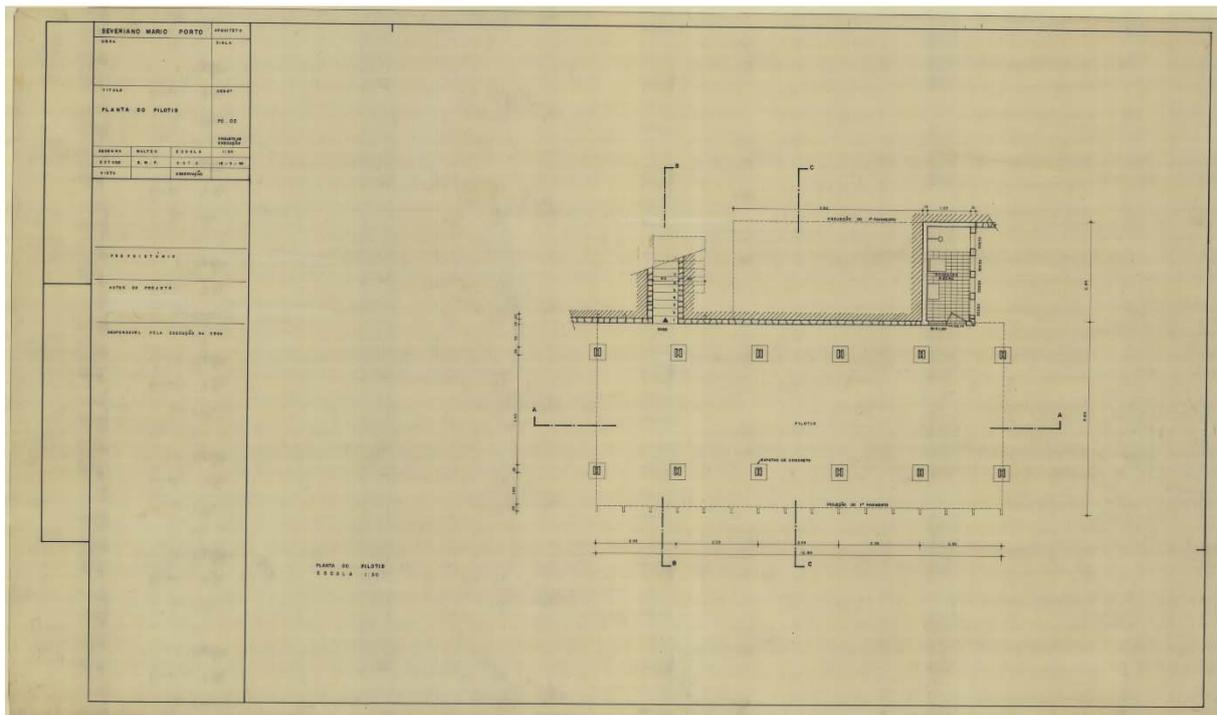


Figura 6 – Planta Pilotis Recife 1762, 1967. Fonte: Acervo Severiano Porto NPD-UFRJ.

Na parte superior ao oeste, o *espaço servido* obedeceu a modulação estrutural para definir a compartimentação com o estar, jantar e os três quartos. Na parte externa, uma varanda contínua protegida pela cobertura com telhas tipo *BRASILIT* com um balanço generoso. As esquadrias não tinham vidro e eram em réguas reguláveis de cedro, mesmo sistema utilizado por Oswaldo Bratke nas construções da Vila Serra do Navio. O piso, o forro, as paredes dos quartos e dos armários foram realizados com tábuas de friso. Na parte superior ao leste, o *espaço servente*, em paredes portantes e onde ficavam a copa, a cozinha e o banheiro. O acesso ocorria por trás da casa, com acesso pela escada no pilotis. A família morou na residência até 1971 quando Severiano Porto construiu a sua segunda residência<sup>10</sup> em Manaus. A casa foi demolida<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> A segunda residência de Severiano Porto recebeu o Prêmio Marcello Roberto em 1971 pelo IAB-GB. Foi demolida em 2003 e as peças pré-moldadas de concreto e madeira foram doada para o IAB/AM. Atualmente os arquitetos Marcos Cereto, Roberto Moita, Marcelo Borborema, Vitor Pessoa e Laurent Troost se uniram para organizar uma campanha para reconstrução da casa.

<sup>11</sup> Não há informações definitivas sobre a data de demolição da casa.

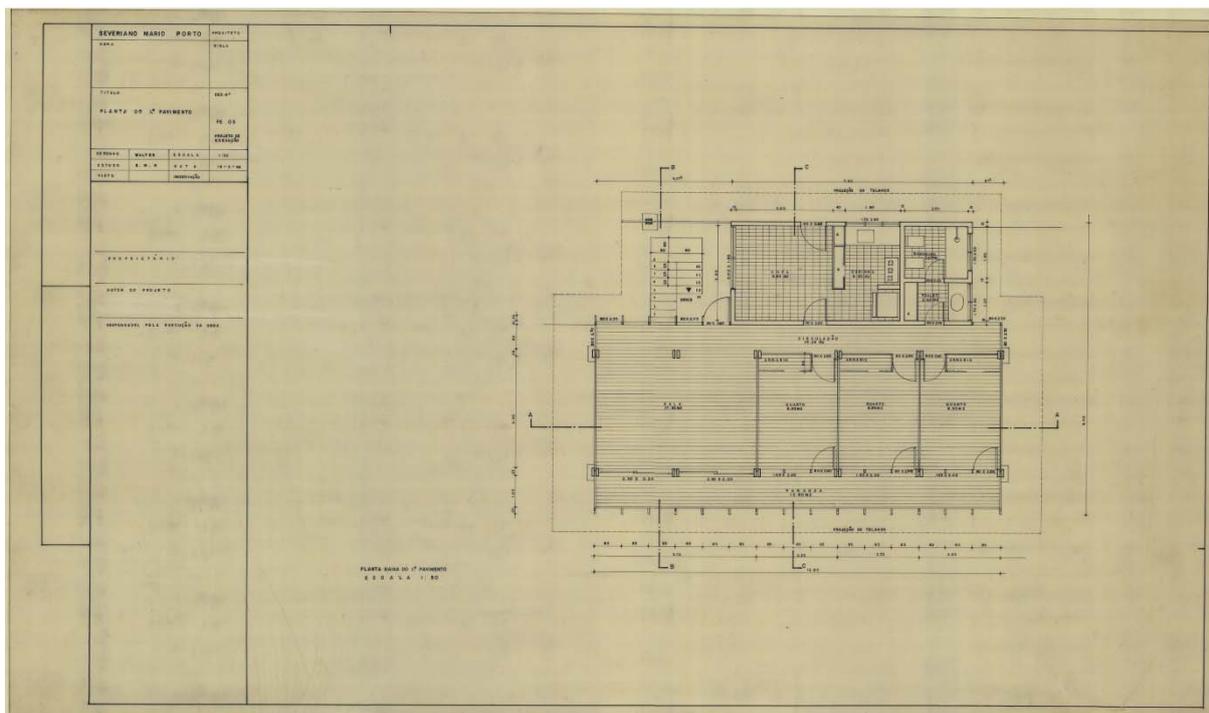


Figura 7 – Planta 2º pavimento Recife 1762, 1967. Fonte: Acervo Severiano Porto NPD-UFRJ.

### 3. Considerações Finais

Entre diferenças e semelhanças, Park Hotel e Recife 1762 representam dois importantes momentos da arquitetura brasileira: Park Hotel pela *emergente nova arquitetura* no Brasil e Recife 1762 pelo início da arquitetura moderna no estado do Amazonas. É inegável o papel que Lucio Costa teve na construção do repertório de Severiano Porto, seja na semente encontrada na Faculdade Nacional de Arquitetura, mas principalmente no fazer moderno do Park Hotel onde os materiais, a mão de obra e o lugar eram consequência do espírito da época. A arquitetura moderna no Amazonas observou os precedentes da arquitetura brasileira e por mais que Severiano Porto citasse a influência indígena e dos ribeirinhos, é evidente a influência de Vital Brazil, Lucio Costa e Oswaldo Bratke na sua obra. Em Recife 1762, há forte influência do significado do projeto de Lucio Costa para o Park Hotel e a interpretação e a sensibilidade logística de Oswaldo Bratke no Amapá.

Segundo Segawa, “*Numa escala pouco menor, duas obras mereceram repercussão internacional: o Park Hotel São Clemente, em Nova Friburgo (1944) de Lucio Costa e o Pavilhão Lowndes (1954), em Petrópolis dos Irmão Roberto.* (SEGAWA, 1988. P.36.). Enquanto Lucio Costa traçava os rumos da arquitetura brasileira no início da década de 40,

trilhando os caminhos da nova arquitetura brasileira, Severiano Porto no final da década de 60, rompeu paradigmas da morada amazônica e Recife 1762 tornou-se uma referência na cidade de Manaus o que proporcionou um aumento na demanda pelos seus projetos<sup>12</sup> nos novos loteamentos. A construção da sua residência provisória o levou a viver em Manaus por 36 anos.



Figura 8 – Redesenho da Recife 1762. Fonte: Autor, 2016.

Há relações íntimas entre os dois projetos e passam pelo modo racional de entender a construção com a utilização de técnicas construtivas do lugar. A sensibilidade para discursar através dos dois edifícios que a modernidade é um estado de espírito e o uso do material uma escolha apropriada para cada situação. O uso da madeira é pertinente nos dois casos, com a justificativa do caráter e da legislação urbanística para a pousada de Lucio Costa e pela logística e ambientalismo proposto por Severiano Porto. Além disso, ambos os edifícios exigiam um orçamento curto e rapidez na execução. Em ambos os projetos, para entrar na casa é preciso percorrer e o acesso ocorre nos fundos. O *espaço servido* é em estrutura de madeira enquanto o *espaço servente* é em alvenaria tradicional. A utilização da madeira e da técnica primitiva ocorre na parte principal do edifício, rompendo com a tradição. Park Hotel está no topo da colina do Parque São Clemente em Nova Friburgo. O pilotis voltado para as visuais do lago privilegia as vistas das sacadas dos apartamentos e proporciona uma relação visual com a paisagem. Recife 1762, está na cota mais baixa do terreno e o pilotis apresenta uma relação direta e franca com a paisagem. A solução da cobertura é similar nos dois projetos. Enquanto Lucio Costa utilizou a telha colonial, Severiano Porto optou pela telha tipo BRASILIT. Há um caimento no volume do *espaço servido* que fica mais

<sup>12</sup> Severiano Porto projetou 56 casas em Manaus nos 36 anos que viveu na Amazônia.

alta e permite uma ventilação. Em Nova Friburgo, há a utilização do recurso de régua móvel sobre as esquadrias e em Manaus, a ventilação é permanente e as régua móvel substituem os vidros. No *espaço servente*, caimento em uma água em sentido oposto ao volume principal e com um desnível que não configura a cumeeira e permite a ventilação.

## BIBLIOGRAFIA

ABA - Revista Arquitetura Brasileira do Ano/ Rio de Janeiro, GB – 1967/68. 216p.

ACERVO SEVERIANO PORTO. Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CERETO, Marcos; SANTOS, Luíza. *Recife 1762*. Anais do I SAMA – Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 2016.

<http://arquiteturamodernanaamazonia.weebly.com/artigos-sama2016.html>

CERETO, Marcos; SANTOS, Luiza; Espinosa, Vasilka. *Recife 1762 e 1435: considerações sobre a permanência e o transitório na obra de Severiano Porto*. XI Docomomo Brasil, 2016.

[http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos\\_apresentacao/sessao%2018/DOCO\\_P E\\_S16\\_CERETO\\_SANTOS\\_ESPINOSA.pdf](http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2018/DOCO_P E_S16_CERETO_SANTOS_ESPINOSA.pdf)

COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Arquitetura moderna, estilo campestre*. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>. Acessado em 12 mar.2016.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Moderna (1930-1960).In: MONTEZUMA, Roberto (Org.). *Arquitetura brasil 500 anos(volume 1) Uma invenção recíproca*, org.Roberto Montezuma, 186-238p. Universidade Federal do Pernambuco, 2002.

COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*.São Paulo , Empresa das Artes,1995.

LUCIO COSTA: Obra Completa: Acervo de redesenhos da obra de Lucio Costa da UniRitter.Disponível em <http://dspace.uniritter.edu.br/xmlui/handle/123456789/144>.

Acessador em 12 mar.2016.

MINDLIN, Henrique. *Gilberto Freyre e os arquitetos*. Revista IAB-Guanabara.Número 4. Janeiro/Fevereiro de 1962. P.7-12.

REIS, A.C.F. *Como governei o Amazonas* (relatório de dois anos e seis meses de seu mandato como Governador do Estado do Amazonas, no período de 27 de junho de 1964 a 31 de janeiro de 1967. Relatório Oficial, Manaus: Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1967.

Revista Arquitetura. Residência do arquiteto em Manaus. Arquiteto Severiano Mario Porto. Número 58 – abril, 1967. P.33.

1 ABA - Revista Arquitetura Brasileira do Ano/ Rio de Janeiro, GB – 1967/68. 216p.

SALGADO, Roberta Camila. *Manaus 1965: Da Floresta e das águas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas- Secretaria Estadual de Cultura, 2009.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SEGAWA, Hugo. Os Materiais da Natureza e a Natureza dos Materiais. In: ARQUITETURAS NO BRASIL/ANOS 80. WISSENBACH, Vicente (org.). 34-47 p. Projeto, São Paulo, 1988.

SEGAWA, H.; DOURADO, G. M. *Oswaldo Arthur Bratke. A arte de bem projetar e construir*. 2. ed. São Paulo: PW Editores, 2012.